

## 4 Decisões teórico metodológicas

“Qualquer ponto de vista metodológico é por definição, parcial, incompleto...”  
(Riessman, 2001:706).

“I believe we can only prepare ourselves to be better equipped as teacher-researchers if we change the researcher-researched attitude. The best way of preparing ourselves seems to be by observing ourselves, by reflecting in and on our practice and by being willing to accept that since we are included in the process it also affects us” (Miller, 2001:05).

#### 4.1. Linguística Aplicada de natureza indisciplinar

Desejo construir novos modos de teorizar e fazer Linguística Aplicada (doravante LA), a partir das escolhas teóricas e metodológicas que proponho para minha pesquisa, bem como inserir a pesquisa no vasto leque de pesquisas interpretativistas e de modos de construir conhecimento sobre a vida social. Utilizarei para este fim a Prática Exploratória “como um campo teórico-filosófico e ético-metodológico” (Moraes Bezerra, 2007:34). Na verdade, pretendo usar um par diferente de óculos, conforme apontado por Moita Lopes (2006:16) para construir o quê e como se pode pesquisar de modo diferente e, principalmente, situado.

O desejo de entender, nesta pesquisa, as identidades pessoais e profissionais das praticantes-colaboradoras e as minhas, a partir de diversas narrativas de experiências exploratórias, através da participação ativa dos praticantes envolvidos, surge por acreditar que “de fato, na pesquisa como na vida social, raramente, os pesquisadores/as pessoas se amoldam em formas ou pensam homogeneamente” (Moita Lopes, 2006:15). Nesta pesquisa, busquei criar espaços para a diversidade, para a reflexão individual e negociada.

“Uma das questões mais cruciais da pesquisa contemporânea é considerar a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los” (Moita Lopes, 2006:23). Acredito que, no modo de pesquisa que proponho, os entendimentos pessoais serão os resultados mais importantes da pesquisa. Desejo apresentar como resultados questões que possam suscitar outras pesquisas a respeito das múltiplas identidades projetadas por nós, membros do grupo, além dos nossos múltiplos entendimentos co-construídos. Para isso, uso uma abordagem que posiciona os praticantes como agentes da difícil tarefa de pesquisar; desenho a pesquisa de forma que seja possível considerar diretamente os interesses daqueles que trabalham comigo ou que vivem as práticas sociais do grupo da Prática Exploratória, que, nesta dissertação, será o foco da pesquisa a partir seus membros. Desejo oferecer a estes praticantes, oportunidades para construir seus entendimentos sobre nosso próprio processo de pesquisa, assim como identificar questões a serem trabalhadas.

É importante destacar que não desejo ignorar os atravessamentos da vida social e até mesmo os identitários que constroem nossas experiências; esses atravessamentos podem e devem ser questões a serem discutidas ao longo do processo. Não me interessa ainda, separar-me (enquanto sujeito) do mundo da pesquisa e me manter num vácuo social; a intenção é ser vista como praticante da mesma maneira que cada membro das mini-comunidades. Afinal, entendo assim como Ferraço (2003), que, nesse tipo de pesquisa em que encaro as dificuldades de ser pesquisadora e praticante ao mesmo tempo, “somos, no final de tudo, pesquisadores de nós mesmos, somos nosso próprio tema de investigação. (...) Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros. Mas nós somos também esses outros e outros ‘outros’” (Ferraço, 2003:160).

#### **4.2. Pesquisa Qualitativa**

Esta dissertação se insere no paradigma de pesquisa qualitativa, em torno do qual, de acordo com Denzin e Lincoln (2006:16), “encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições”. Sendo “muitas coisas ao mesmo tempo”, ela é multipragmática. A pesquisa que ora desenvolvo, configura-se pela multiplicidade de questões, que caracteriza as pesquisas qualitativas. Minha pesquisa torna-se híbrida e complexa por este motivo. Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa é vista por alguns apenas como um trabalho exploratório ou subjetivo. Na minha pesquisa, embasada na Prática Exploratória como ferramental teórico-metodológico, esse trabalho exploratório é o aspecto com o qual mais me identifico.

“O foco da pesquisa qualitativa possui inerentemente uma multiplicidade de métodos” (ibid.:19) que incluem “o estudo de caso (...), a investigação participativa, a entrevista, a observação participante, os métodos visuais e a análise interpretativa” (ibid.:16).

Como farei uso de alguns desses elementos, especialmente, a entrevista ressignificada, realizada em reuniões com o foco na análise colaborativa, a fim de promover uma investigação participativa, acredito que esta pesquisa possa ser caracterizada como tal.

Dentre os múltiplos estudos desenvolvidos pela pesquisa qualitativa, destacam-se os de experiência pessoal, de estória de vida, “que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (ibid.:17). Proponho que esses momentos sejam matéria prima para análise com os praticantes das interações, porque segundo Rollemberg, (2008:22), “a pesquisa interpretativista realizada através de entrevistas pode levar a um maior entendimento de questões subjetivas dos participantes e fazer sua ligação com o mundo social no qual estamos inseridos”. Meu interesse de pesquisa parte de algo que experiencio. Sendo parte integrante do processo de investigação em um contexto definido sócio-historicamente, tenho como objetivo primário entender como eu e meus colegas praticantes, co-participantes do grupo da PE, nos construímos discursivamente.

É importante ressaltar também que, de acordo com Minayo (2002:21-22):

“a pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”

Este tipo de pesquisa nos permite discutir as particularidades de cada contexto, no caso específico deste estudo, de cada mini-comunidade de Prática Exploratória. Este é um termo que usarei para me referir aos pequenos grupos compostos por duas colegas e por mim e às reuniões nas quais trocamos nossas experiências exploratórias. Apresento mais detalhes sobre o processo mais adiante.

É de suma importância registrar que descarto totalmente a idéia de neutralidade neste tipo de pesquisa e, por isso, faço minhas as palavras de Denzin e Lincoln (ibid.:19): “a realidade objetiva nunca pode ser captada. Podemos conhecer algo apenas por meio das suas representações”.

Segundo Edge e Richards (1998), uma pesquisa que se orienta pela abordagem qualitativa e interpretativa, como esta, requer a apresentação de garantias ou credenciais para justificar sua existência e validade junto à academia. Entendo que a credibilidade e a legitimidade da pesquisa estarão na minha capacidade de explicar, através de palavras, minha experiência e entendimentos,

bem como a possibilidade de suscitar argumentações e novas questões a serem pensadas. Desta forma, busco contextualizar ricamente as experiências vividas ao longo do processo de pesquisa, bem como a minha relação com minhas colegas-pesquisadoras. Procuro descrever cada traço que configura o trabalho, desde o projeto inicial, até os entendimentos resultantes desta experiência.

Aponto também, considerações feitas por cada uma delas, para que este trabalho se justifique através do que é proposto por Edge e Richards (ibid.: 334): “... as descobertas do pesquisador devem levar em consideração as interpretações e construções de outros que vivem no contexto a ser explorado”.

Assim como Sette (2006:55) acredito que,

“apesar de tratar-se de evento singular, “local”, minha experiência possui características que podem ser reconhecidas por outros sujeitos e, portanto, socialmente, superando dessa forma, sua singularidade”.

As identidades projetadas nas narrativas e entendidas pelos membros do grupo refletem os bastidores de experiências que, de alguma forma, são comuns aos membros do grupo, os quais ancorados nos princípios da PE, buscam refletir a respeito de um questionamento local, a partir de sua prática pedagógica, mas, em muitos casos, tal questionamento pode encontrar eco em outras turmas, escolas, regiões.

Outro aspecto importante a ser considerado é o foco da análise, já que, embora tenha olhado atentamente para as narrativas, não delimito minha análise *a priori*, uma vez que o processo de pesquisa interpretativista não encoraja tal procedimento. Os questionamentos e entendimentos surgiram ao longo das experiências vividas e foram considerados válidos para enriquecer a análise da narrativa em si. Tendo como objetivo o desenvolvimento de uma pesquisa inclusiva com outros membros do grupo (Allwright e Hanks, 2009), a análise jamais poderia ter sido definida anteriormente.

Penso que as situações enquadradas para a pesquisa qualitativa assim como a análise constituem um olhar filtrado pela linguagem, que é atividade social. Desta forma, a perspectiva sócio-interacionista do discurso - o meio pelo qual interagimos - é central. Considerando a natureza e a complexidade a que este estudo se propõe, opto por abordá-lo dentro deste paradigma interpretativo, em que a linguagem é base central da análise.

Os entendimentos construídos pela análise possuem uma validade que é marcada por um contexto histórico e social, típico das pesquisas feitas nas Ciências Humanas e Sociais. Logo, “outras pessoas trabalhando com nossos dados, ou dados similares, descobrirão coisas que dão respaldo, corrigem ou desafiam nossas próprias conclusões. A validade é social” (Gee, 1999: 139).

### **4.3.**

#### **A entrevista como um evento social contemporâneo**

Nas sociedades modernas, as entrevistas, principalmente individuais, fazem parte do dia a dia, elas são uma característica da vida diária. Estamos constantemente sendo entrevistados: através de questionários on-line, nas ruas e por motivos diversos como, por exemplo, pesquisas de opinião a respeito de produtos e serviços dentre outros.

A entrevista é relativamente nova em nossa sociedade, se encarada como uma fonte de conhecimento seguro, um evento social, como nos aponta Gubrium e Holstein (2003:22). A entrevista surgiu nesta perspectiva, quando os encontros informativos foram formalizados. Pode-se dizer então, que a entrevista hoje é produto de um mundo de mudanças nos relacionamentos.

É mister registrar, entretanto, que, na forma de pergunta e resposta, quando o objetivo era obter informação imediata a respeito de algo, sem essa característica de evento, a entrevista data de muitos anos. No passado, dificilmente, imaginaríamos um estranho fazendo perguntas pessoais a nosso respeito como é, facilmente, feito hoje, porque havia um outro conceito de subjetividade. A vida diária era mais íntima.

Entendo que seja relevante conduzir entrevistas de pesquisa quando se deseja explorar um determinado tópico, já que, em uma entrevista, “o entrevistador coordena uma conversação cujo objetivo é obter as informações desejadas” (Gubrium e Holstein, (ibid.:21).

A entrevista, tradicionalmente, foi considerada uma simples técnica para coleta de dados e ainda há quem pense desta forma. Penso, entretanto, de modo semelhante ao proposto por Rollemberg (2008:22), “as entrevistas são entendidas aqui [neste estudo], é importante lembrar, como um tipo de interação reconhecida

no dia-a-dia das pessoas que se engajam em conversas, e não como uma atividade apenas técnica para extrair informações fora do contexto social, cultural e pessoal”. Isso porque acredito que este tipo de interação social pode ser entendida como uma forma narrativa em si, com a utilização da comunicação, da troca interpessoal e da construção de significados, na qual os envolvidos têm a oportunidade de se construírem.

A entrevista pode ser considerada um evento de fala. O entrevistado pode responder às perguntas usando relatos narrativos, uma vez que contar histórias é uma forma significativa para os indivíduos construírem e expressarem significados (Mishler, 1986) que estão baseados no contexto de cada interação.

É possível, portanto, entender o mundo do entrevistado a partir de uma entrevista, porque esta se caracteriza como uma maneira de reunir dados a partir um ambiente discursivo bastante rico a ser analisado. Conforme argumentado por Gee (1999: 134): os “significados são situados em contextos específicos que construímos aqui e agora nas nossas interações com outros”.

“Entrevistas de todos os tipos servem como mediadoras da vida contemporânea” (Gubrium e Holstein, *ibid.*:27). Este evento social faz parte inclusive de práticas profissionais, por exemplo, ocorrem entre médico-paciente, empregados e empregadores, dentre outros. O objetivo das entrevistas é reviver experiências. Segundo Gubrium e Holstein (*ibid.*:28), “a entrevista em grupo está entre as técnicas de reunir informações que mais crescem no cenário contemporâneo”. Seguindo esta tendência, nas entrevistas em grupo realizadas para este estudo, havia sempre a presença de três membros do grupo da PE, eu, e mais duas professoras, todas praticantes exploratórias.

Da mesma forma que fez Rollemberg (2008:87) ao citar Silverman (2001), busco “encarar as entrevistas não como momentos para ouvirmos o que é verdadeiro ou falso, completo ou incompleto, mas sim, entendendo que estes eventos propiciam reconstruções de sentidos, a emergência de narrativas de vida e a performance de identidades sociais”.

Quero concluir esta seção lembrando que, “a entrevista é encarada nesta investigação, como uma forma de discurso entre os falantes, já que perguntar e responder são formas de se expressar, de compreender crenças, experiências, sentimentos e intenções, marcadas culturalmente” (Mishler, 1986:7).

#### 4.4.

#### A pesquisa e a entrevista: visões pós-modernas

No mundo pós-moderno, nas grandes metrópoles, onde é inegável a existência de uma sociedade de classes, o poder é desigual. Sabendo que o pesquisador e o pesquisado são membros desta sociedade, seus lugares são vistos dentro desta hierarquia de papéis a serem exercidos.

Como nos aponta Santos (2007), em nossas relações há sempre uma simetria dicotômica revestida de hierarquia. Na relação entre pesquisador e pesquisado ou ainda, entrevistador e entrevistado, por exemplo, observamos essas dicotomias que parecem simétricas, mas que sabemos escondem diferenças e hierarquias.

Assim, acredito que o pesquisador deve estar consciente desta dicotomia e deve se esforçar para que as entrevistas de pesquisa, como neste estudo, promovam a diminuição da assimetria de poder que realmente existe, já que, desta forma, é possível “encorajar o entrevistado a contar suas histórias” (Mishler, 1986:119).

Orientada pelos princípios da PE, especialmente os que propõem o envolvimento de todos no trabalho investigativo, o trabalho para o desenvolvimento mútuo e ainda o trabalho para entender a vida no contexto de pesquisa, procurei ressignificar as entrevistas-conversas como o primeiro momento de troca de narrativas, que seria seguido pelo trabalho interpretativo de cada mini-comunidade.

Vejo que procurei construir o que foi sublinhado por Rollemberg (2008:90), quando em sua tese sobre narrativas de professores, ela aponta para necessidade de:

“deixar que a voz do entrevistado seja ouvida é importante (...). Todas elas (vozes) surgem durante a entrevista, que é um processo contínuo de construção de subjetividades, não apenas um encontro de perguntas e respostas e nem apenas um momento para o entrevistador, pesquisador, “dar o direito” ao entrevistador de se colocar e se reconstruir. Esse “poder” não é algo que pertence ao pesquisador e ele passará para o entrevistado, é uma troca constante”.

Desta forma, concordo com Mishler que diz (1986:119): “quando a entrevista é aberta desta forma (reconstruindo a relação entrevistador-intervistado), quando o poder é equilibrado, os entrevistados são mais propensos

a contar histórias”. Também noto, como Rollemberg (ibid.:93) que, estabelecendo esta relação com minhas colegas-praticantes exploratórias e pesquisadoras, criamos oportunidades para que nos tornássemos “mais conscientes do processo da entrevista em si, desempenhando um papel ativo na construção de significados neste contexto”.

Ao trabalhar de forma exploratória com minhas colegas, conseguimos tirar o foco do entrevistado e promover o “empoderamento dos entrevistados” (Mishler, 1986). Esse trabalho vai ao encontro do que nos diz Allwright (2003b), sobre os envolvidos em pesquisa. Eles não precisam ser pesquisadores ou praticantes, mas praticantes investigativos, praticantes e pesquisadores.

Desta forma, a partir dos princípios da PE, que norteiam as atividades do grupo que me interessa estudar; cheguei à concepção de entrevista pós-moderna como trabalho interacional para entender proposta por Mishler. Alinho-me, assim, aos movimentos que buscam papéis alternativos para entrevistados e entrevistadores, através da redistribuição do poder. Considero minhas colegas “colaboradores pesquisadores” (Mishler, 1986:123), já que convidei “os entrevistados [a serem] colaboradores, ou seja, participantes integrais no desenvolvimento do estudo e na análise e interpretação dos dados” (ibid.).

Apresento, nesta dissertação, a descrição e a reflexão sobre esta relação colaborativa no ato das pesquisas narrativas, que, talvez, possa ser melhor entendido palavras de Mishler (1986:127):

“as entrevistas relativamente não estruturadas incluem uma série de perguntas abertas, e os pesquisados são solicitados que contem histórias nas suas próprias “vozes”. Cópias das transcrições da entrevista são encaminhadas para que a revisão ocorra entre entrevistados e entrevistadores juntos. O trabalho para o entendimento do material é um esforço conjunto e os entendimentos alcançados são usados para planejar e desenvolver os estágios futuros da pesquisa. Além disso, as descobertas da pesquisa são usadas como base em uma variedade de atividades, como workshops, seminários e cursos (...)”.

Estas decisões metodológicas, inspiradas na PE, e ancoradas na resignificação de entrevistas proposta por Mishler e estudiosos de narrativas, vão permitir interpretar a participação dos entrevistados por um outro ângulo, considerando a alteração do conceito de entrevista e as identidades projetadas nestes papéis e relações.

#### **4.5. A figura do pesquisador**

Atraída pela postura de pesquisador como *bricoleur* (profissional ‘faça-você-mesmo’), ou confeccionador de colchas ou ainda como uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens, desenhei esta pesquisa híbrida por ser inclusiva e colaborativa. Como já expliquei, minhas colegas colaboraram na análise e, por esta razão, minha função de *bricoleur* talvez tenha sido aumentada. Percebo que este trabalho é uma construção da co-construção, “que sofre mudanças e assume novas formas à medida que se acrescentam instrumentos, métodos e técnicas de representação e de interpretação a esse quebra-cabeça” (Denzin e Lincoln, 2006:18).

Apesar da dinâmica inclusiva e colaborativa, entendo meu papel de *bricoleur* metodológico, aquele que é entendido como “perito na execução de diversas tarefas, que variam desde a entrevista até a auto-reflexão...” (ibid.:20). Da mesma forma, ao juntar as peças da “interpretação colaborativa”, também me coloquei no papel de *bricoleur* interpretativo, pois entendo minha pesquisa como “um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça, pela etnicidade (...)” dos envolvidos (ibid.:20).

#### **4.6. A formação das três mini-comunidades**

Por acreditar que o processo de pesquisa se torna mais rico quando compartilhado entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, a proposta era criar mini-comunidades exploratórias (MiCoEx). Entendo mini-comunidades aqui como um grupo de integrantes da pesquisa que se reúnem a fim de que juntos possam entender melhor o que a pesquisa propõe este caso, entender, que identidades estavam constantemente sendo (co/re) construídas ao contarmos nossas narrativas de experiência.

Ao começar a confirmar a participação dos envolvidos na pesquisa, percebi que não seria possível manter os participantes iniciais por questões de

disponibilidade (cf. p.17). Para participar do processo de pesquisa, seria necessário que as colegas do grupo tivessem tempo. Das pessoas em quem havíamos pensado, apenas duas puderam ser mantidas: Adriana e Walewska.

Tendo apenas duas colegas confirmadas e buscando oferecer oportunidades aos outros membros do grupo, em uma de nossas reuniões do grupo da PE, após ter dividido um pouco de minha intenção de pesquisa com o grupo, fiz o convite a quem tivesse interesse em embarcar nesta jornada. Prontamente, tive a adesão de mais dois membros do grupo: Marja e Ilma.

Neste momento, havia, então, quatro participantes. Para compor mais uma mini-comunidade resolvi convidar duas professoras que não estavam na reunião, mas cuja participação julgava importante, por serem como eu, professoras de escolas estaduais, Ana Paula e Iacy. As duas, ao serem convidadas, aceitaram de bom grado, o meu convite por correio eletrônico.

Nas reuniões com potencial exploratório, a intenção era gravar uma entrevista-conversa semi-estruturada em que algumas das histórias que sempre contamos em nossas reuniões ou apresentações de pôsteres emergissem em forma de narrativa. Embora este momento tivesse sido criado e, por isso, a gravação fosse necessária, para que depois pudéssemos trabalhar para entender nossas identidades, minha intenção era que esse encontro fosse o mais parecido possível com uma de nossas diversas interações.

Considero nosso primeiro encontro para registrar a troca de narrativas como entrevista em grupo (Mishler, 1986) e as estou chamando de EnCoPE (Entrevistas-Conversas com Potencial Exploratório). A entrevista-conversa semi-estruturada com potencial exploratório teve como base três questões, a saber: a) como você conheceu a prática exploratória? b) há quanto tempo você está no grupo? e c) você poderia contar uma de suas experiências exploratórias? É importante ressaltar, que para efeito de transcrição, eu priorizei os trechos em que emergiram as narrativas de experiência, por causa do escopo deste trabalho.

Gostaria de registrar ainda que, embora a primeira questão não tenha sido focada neste trabalho, foi importante para a análise realizada neste trabalho tomar conhecimento de como foi o primeiro contato dos membros com a PE. Além da contribuição desses dados para esse trabalho específico, esses dados podem ser usados em futuras pesquisas.

A segunda pergunta me proporcionou informações úteis para realizar a descrição dos participantes, especificamente no que diz respeito ao tempo que cada participante pertence ao grupo.

As entrevistadas não receberam nenhuma orientação acerca do modo como deveriam participar da entrevista-conversa, tinham apenas o conhecimento do meu interesse de pesquisa. Destaco aqui, que foi pedida a permissão necessária para utilizar os dados não só para confecção deste trabalho, como também para outros que poderão no futuro ser escritos de forma inclusiva, a sete mãos. É mister registrar ainda que todas as participantes autorizaram o uso dos nomes verdadeiros.

Após a gravação da EnCoPE, em cada mini-comunidade, eu fiz a transcrição e cada participante recebeu uma cópia do trabalho realizado por correio eletrônico junto com o pedido, para que pensasse a respeito daquela nossa interação e também das identidades projetadas naquela experiência. Vale ressaltar que a transcrição foi a única tarefa que eu realizei sozinha, foi o único momento da pesquisa de que minhas colegas-pesquisadoras não participaram.

Algum tempo depois, tivemos a oportunidade de compartilhar nossas interpretações a respeito do que estava acontecendo naquela interação, no momento de entrevista. Desde o início, pensei que os momentos de reunião dessas mini-comunidades pudessem ser considerados Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório, em que todos os participantes seriam envolvidos, estariam trabalhando na pesquisa. Esse envolvimento vale ressaltar, reflete o terceiro princípio da PE que norteia nossas ações. Entendendo que os encontros após a entrevista-conversa foram reuniões de trabalho, eu os denominei Reuniões para Análise Colaborativa (RAC).

#### **4.7.**

#### **As participantes e as reuniões para análise colaborativa**

Ressalto que as mini-comunidades foram formadas considerando alguns fatores para que nossas reuniões pudessem acontecer, a saber, o horário disponível de cada participante e a questão da proximidade ou facilidade que os membros

teriam de se reunir em um local adequado para todos. Outro fator determinante foi a relação de amizade já existente entre alguns membros.

No que tange à minha participação nas MiCoEx, é importante ressaltar que participei das três e, por isso, minha descrição enquanto participante aparece na primeira MiCoEx. No entanto, a troca da minha narrativa de experiência exploratória ocorreu na terceira MiCoEx.

Gostaria de apresentar ainda nesta seção as pessoas que ousaram desenvolver comigo esta pesquisa e algumas informações considerando nossos momentos juntas.

#### **4.7.1. Primeira mini-comunidade**

Esta mini-comunidade ganhou vida no apartamento da Marja, cenário onde todo processo ocorreu.

##### **4.7.1.1. Minhas colegas-pesquisadoras e eu**

Walewska, professora de inglês, 57 anos, moradora da Lagoa (zona sul da cidade). Está no grupo desde 1997. Cursou licenciatura em Letras (Português / Inglês) e Especialização em Língua Inglesa na PUC-Rio. Leciona desde 1977 como professora do ensino público e particular. Atualmente, trabalha em uma escola municipal no Leme (zona sul da cidade).

Marja, professora de inglês e finlandês, 63 anos, aposentada e moradora do Flamengo (zona sul da cidade). Assim como Walewska, pertence ao grupo desde 1997. Marja cursou 'Proficiency' da Cultura Inglesa e Didática Especial da Língua Inglesa, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Fez também Mestrado em Serviço Social, na PUC-Rio. Trabalhou como professora em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro e hoje ministra aulas particulares de inglês e finlandês e faz traduções e versões nos mesmos idiomas.

Eu, Aline, sou professora de inglês, tenho 32 anos, e moro em São Gonçalo (região metropolitana do Rio de Janeiro). Integrei as três mini-comunidades, porém partilhei a minha experiência na terceira mini-comunidade. Cursei licenciatura em Letras (Português/ Inglês) na UERJ e Especialização em Lingüística Aplicada na Universidade Federal Fluminense (UFF). Conheci a PE no início de 2005 em uma oficina ministrada por Maria Isabel A. Cunha e Inês K. de Miller em um dos cursos de línguas onde trabalhei. No final do mesmo ano, participei do Projeto Allwright (projeto de formação continuada para professores estaduais patrocinado pelo Conselho Britânico, Associação de Professores de Língua Inglesa do Rio de Janeiro (APLIERJ) e pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro) e novamente pude trabalhar com a PE. Assim como Ana e Ilma, eu também participei da oficina da PE na PUC em 2006. Trabalhei em alguns cursos particulares, fui coordenadora pedagógica em um destes cursos e ainda ministrei aulas em uma faculdade particular. Atualmente, trabalho em uma escola estadual e um curso de línguas municipal na região onde moro.

#### **4.7.1.2. Nossas reuniões**

O clima de nossas reuniões era bastante animado. Marja fez com que nos sentíssemos à vontade. Conversávamos sobre vários assuntos referente ao grupo, mas principalmente falamos sobre a vida do grupo depois do trabalho conjunto realizado em 2007 no Projeto de Formação Continuada oferecido pelo Departamento de Letras da PUC-Rio para Professores de Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio de Janeiro, no qual membros do grupo trabalharam como tutores no módulo “Reflexão profissional sobre práticas pedagógicas” no Curso Linguagens e Culturas. Além disso, falamos sobre o que é trabalhar com o PPP (Projeto Político Pedagógico) nas escolas.

#### **4.7.2.**

##### **Segunda mini-comunidade**

Nossos encontros ocorreram em salas do departamento de Letras da PUC-Rio.

#### **4.7.2.1.**

##### **Minhas colegas-pesquisadoras**

Adriana, professora de inglês, 44 anos, moradora do Leblon (zona sul da cidade), fez parte da segunda mini-comunidade. É membro do grupo da PE desde 2001. Adriana cursou Licenciatura em Pedagogia na UCAM (Ipanema), fez Especialização em Língua Inglesa e Mestrado em Letras na mesma universidade onde cursa o Doutorado, também em Letras (PUC - Rio). Sua experiência docente compreende aulas em um Curso de Especialização em Língua Inglesa, em Cursos de Ensino à Distância, Cursos livres de Línguas e no Ensino Fundamental e Médio. Atualmente atua como professora em aulas de graduação e pós-graduação na PUC-Rio e em um curso livre.

Ilma, professora de inglês, 59 anos, aposentada, moradora de São Conrado (zona sul da cidade), integrou a segunda mini-comunidade. Está no grupo da PE desde 2004 tendo participado comigo e Ana da oficina da PE em 2006. Formada em Letras (Português/ Inglês) pela UFF, fez Especialização em Língua Inglesa na PUC-Rio. Como aluna extraordinária, cursou na mesma universidade algumas disciplinas do Mestrado. Na época da pesquisa, fazia Especialização em Educação (Mídia, Educação e Novas Tecnologias) também na PUC-Rio. Trabalha atualmente como voluntária ministrando aulas de Inglês em colaboração com uma ONG localizada em uma comunidade carente na zona sul do Rio de Janeiro. Trabalhou em colégios particulares e em um curso particular de inglês.

#### **4.7.2.2.**

##### **Nossas reuniões**

Nesta mini-comunidade em especial, acredito que o clima foi mais acadêmico, talvez, devido ao ambiente. A entrevista-conversa, e as RAC foram marcadas pelo compromisso mais formal com a pesquisa, como um gesto de colaboração.

### **4.7.3. Terceira mini-comunidade**

Nossos encontros aconteceram no Colégio Estadual, onde duas das participantes trabalham.

#### **4.7.3.1. Minhas colegas-pesquisadoras**

Iacy, professora de inglês, 45 anos, moradora da Tijuca (zona norte da cidade do Rio de Janeiro), participou da terceira mini-comunidade. A professora faz parte do grupo da PE desde final dos anos 90 (às vezes, com maior intensidade; às vezes, um pouco mais ausente). Formada pela Universidade Santa Úrsula (Complementação Pedagógica), é pós-graduada pela FIJ (Faculdades Integradas de Jacarepaguá). Já ministrou aulas particulares em cursos livres. Trabalha em duas escolas estaduais: uma delas fica localizada na zona suburbana e a outra na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Ana Paula, também chamada por mim de Ana, professora de inglês, 36 anos, moradora de Lins de Vasconcelos (área localizada na zona suburbana do Rio de Janeiro), também fez parte da terceira mini-comunidade exploratória. Ana está no grupo desde 2006, começando no Projeto Allwright a convite da Iacy que já participava do projeto desde 2005. Participou da oficina da PE na PUC, no mesmo ano. Cursou licenciatura em Letras pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e na época da pesquisa estava cursando pós-graduação em Linguística Aplicada na UERJ. Trabalha desde 1992, começando com aulas particulares, depois em cursos de inglês para empresas e em seguida, como professora do Estado. Hoje, trabalha junto com a Iacy em uma escola estadual também na zona suburbana e ainda ministra aulas particulares.

#### **4.7.3.2. Nossas reuniões**

Nossas reuniões foram sempre marcadas pelo clima descontraído de estar em uma escola. Sempre começamos almoçando juntas, porque nossos encontros ocorreram no horário de intervalo entre os turnos da escola. Ambos aconteceram

em períodos de fechamento de bimestre, dias de conselho de classe e por isso com muitos professores circulando pela escola. Fui muito bem recebida pelas colegas e também por outros membros da comunidade escolar.

Conforme apontado no capítulo introdutório, gostaria de reiterar as minhas questões de pesquisa neste momento: meu primeiro desejo era entender que identidades constroem alguns dos professores que buscam formação continuada constante. Todos fazem parte do grupo da PE do Rio de Janeiro, e ainda estão dispostos a revisitar sua prática a partir da narração e reflexão sobre suas experiências exploratórias.

Por fim desejo registrar que considero a metodologia pela qual optei inovadora, já que compartilhei com minhas colegas os dados para fazermos a análise de forma colaborativa. Para a análise destas interações, busquei considerar a questão discutida por Mishler (1986) quando salientava que, em muitas pesquisas, os entrevistados não têm oportunidade de comentar suas próprias interpretações de suas palavras. Praticantes-colaboradores, na minha opinião, devem ter essa oportunidade da qual nos fala Mishler para que não se percebam como meros objetos de pesquisa, para que não se sintam desconfortáveis quando o assunto é participar de uma pesquisa. A seguir, apresento o escopo da análise colaborativa que fizemos.